

Organização de  
MANUEL BRAGA DA CRUZ  
RUI RAMOS

# MARCELO CAETANO TEMPOS DE TRANSIÇÃO

Depoimentos sobre Marcelo Caetano  
e o seu Governo, 1968-1974

## PARTE I

# Na Intimidade de Marcelo Caetano

«Quando, em Setembro de 1968, se produziu o acidente que inutilizou o Dr. Salazar, encontrava-me há dez anos fora da vida pública. Com a saída do General Craveiro Lopes da Presidência da República e, logo a seguir, no Verão de 1958, a minha exoneração do Governo, onde ocupava o cargo de Ministro da Presidência, tinha considerado encerrada a minha carreira política e assim o comunicara a todos os amigos. Na vida familiar, produzira-se, aliás, um grave acontecimento que profundamente a perturbou: a doença de minha mulher, doloroso calvário que iria prolongar-se por mais de dez anos, exigindo de mim a mobilização de todas as energias morais para apoio da doente e para permitir a mim próprio resistir animosamente. A minha actividade repartiu-se, pois, nesses dez anos, entre os cuidados a proporcionar a um ente querido e os trabalhos profissionais. Apeguei-me como nunca à Faculdade de Direito, às aulas, aos alunos, ao estudo, a escrever ou reescrever os meus livros [...]»<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Marcello Caetano, *Depoimento*, Rio de Janeiro, Record, 1974, p. 11.

# Um Homem Excepcional

Marcelo Rebelo de Sousa<sup>1</sup>

Adriano Moreira escreveu recentemente nas suas memórias que o meu pai, Baltasar Rebelo de Sousa, foi o mais leal e o mais lúcido dos marcelistas até ao fim. Não sei se será assim exactamente, mas que houve uma ligação enorme entre eles, sem qualificação possível, é verdade. Isso reflectiu-se na intimidade entre as famílias. Por exemplo, conheço a Ana Maria Caetano desde que nasci. Há fotografias comigo ao colo da Ana Maria – então com 11 ou 12 anos. Ao tentar definir alguns dos traços da personalidade de Marcelo Caetano, vou recorrer ao meu conhecimento pessoal dele e ao que os meus pais me transmitiram da sua vivência do período anterior ao do meu conhecimento.

Há que recordar sumariamente que Marcelo Caetano, desde os seus quatro anos e dois meses até aos 20 anos, viveu a Primeira República. E isso marcou naturalmente a sua infância. Não podemos esquecer também a sua origem, que é uma origem meio rural meio urbana, no tempo em que Lisboa era um conjunto de aldeias e as casas regionais eram particularmente importantes, e sabemos da

---

<sup>1</sup> Nasceu em Lisboa, em 1948. Filho de Baltasar Rebelo de Sousa, manteve relações próximas com a família de Marcelo Caetano, com quem conviveu e de quem foi aluno. Depois de 1974, foi professor na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, deputado constituinte (1975-1976), director do semanário *Expresso* (1980-1983), Ministro dos Assuntos Parlamentares (1983), presidente do Partido Social Democrata (1996-1999) e Conselheiro de Estado. Reuniu documentos e memórias do marcelismo em *Baltasar Rebelo de Sousa – Fotobiografia*, Lisboa, Bertrand Editora, 1999.

ligação de Marcelo Caetano, por exemplo, à Comarca de Arganil e às suas raízes históricas em Arganil.

Marcelo Caetano era, em primeiro lugar, uma pessoa modesta de hábitos. Severa, contida, séria, mais velho do que a idade, esta é a sensação com que sempre fiquei dele. Em segundo lugar, era uma pessoa em que, apesar de emotiva, a razão pesava muitíssimo. A razão e um conjunto de princípios muito estritos. Eu, quando era miúdo, assistia às reuniões do grupo no restaurante A Choupana, aos sábados à tarde, mas no dia em que me tornei aluno de Marcelo Caetano, ele comunicou ao meu pai que eu, obviamente, deixava de ir à Choupana. Era para criar distanciamento – e foi total enquanto fui seu aluno. Uma vez, tive de fazer uma exposição como aluno do 2.º ano. Todos se sentaram à direita do mestre. Mas quando eu me ia a sentar, disse-me: «O que é que o senhor pensa que vai fazer?» Eu disse: «Ia sentar-me.» «Não, o senhor fala de pé.» No final, todos tiveram um elogio: o Braga de Macedo, a Leonor Beleza, o Sampaio, o Caramelo... Eu, nada! Vim a saber muitos anos mais tarde que, chegado a casa, teria dito à Ana Maria: «Que bem que foi hoje o Marcelo Nuno.» (Eu era Marcelo Nuno, Marcelo era só ele.) Mas até ao fim, até à prova oral, nem uma palavra. Mesmo ao cruzarmo-nos nos corredores. Queria mostrar a sua isenção. E, terminada a prova oral em Direito Administrativo – que correu bem, graças a Deus –, já eu ia a sair da sala, quando ele diz: «Ó senhor Rebelo de Sousa, antes de se ir embora queria dizer-lhe uma coisa. Espero que continue a dar o seu labor à disciplina de Direito Administrativo.» Foi a coisa mais afectuosa e mais entusiástica que me disse, para além de me ter dado 18 valores, que era o fundamental, obviamente.

Era um homem muito disciplinado, muito organizado, muito sistematizado. Uma pessoa lida, muito lida. Leu na sua juventude, e mesmo ao longo de toda a sua vida, tudo o que havia de literatura portuguesa e sobretudo francesa. Era um francófono e não um anglófono. Embora tivesse simpatias em relação a aspectos políticos da vida britânica. Era muito culto. Eu lembro-me de que no exame, o Jorge Braga de Macedo quis mostrar a sua erudição e a sua cultura e disparou com duas ou três citações. Marcelo Caetano arrumou-o

com Shakespeare. Imediatamente. E Braga de Macedo voltou à terra e acabou bem o seu exame.

Tinha um grande gosto pelos livros, muito rigor na escrita, uma grande clareza, um grande didactismo, mas acompanhado de profundidade. Eu recorro, por exemplo, a conferência sobre a legitimidade dos governantes à luz da doutrina cristã. Foi uma conferência que fez na Ordem dos Advogados. Foi de uma grande profundidade, mas também de uma grande clareza.

Mas era muito inteligente – ou não? Nós, alunos, discutíamos. Para mim, era óbvio que era muito inteligente. Havia quem apreciase mais a inteligência brilhante de Paulo Cunha, ou a inteligência abstracta de Gomes da Silva, ou ainda a inteligência um pouco transmontana e às vezes pouco tolerante de Cavaleiro Ferreira. Eu, sobretudo, achava que Marcelo Caetano era de uma inteligência muito completa, porque tinha a capacidade e inteligência abstracta, mais a capacidade da inteligência concreta. Fazia a ponte entre o abstracto e o concreto. Isso via-se, por exemplo, nos pareceres, nos notáveis pareceres de Direito.

Era uma inteligência ao serviço de uma noção de dever. Marcelo Caetano vivia em função de uma noção de dever. Enquanto académico, isso era claríssimo. Publicava as suas lições, actualizava-as. Mesmo quando leccionou Direito Penal, que não era a sua área, publicou lições. Eu lembro-me de uma vez, era ele meu professor de Direito Administrativo, que chegou à aula e disse muito baixinho: «Eu hoje não dou a aula. Não dou a aula, porque me faltou a voz na disciplina de Direito Constitucional e não quero passar pela provação de um novo insucesso.» Para ele, era um insucesso eventualmente faltar a voz antes de dar a aula.

Antes de começar as aulas do 1.º ano, tinha um gabinete em que entrava para rever a matéria. Conhecia a matéria de trás para a frente e de frente para trás, mas queria ter a certeza de que a ia dar rigorosamente, como entendia que devia ser.

Gostava de ouvir, de aprender, de saber, de se actualizar. Isso no Direito é patente. Ele começou realista francês. A seguir, importou da Alemanha – através dos espanhóis, já que não dominava o alemão – as teorias de Hans Kelsen. Voltou mais tarde ao realismo. Começou

por aplicar a teoria geral da relação jurídica ao Direito Administrativo, o que era inovatório. Mas depois, largou essa abordagem, e na última edição que fez do seu Manual, voltou à teoria geral. Ou seja, foi capaz de renovar substancialmente a sua obra, quando já tinha 60 anos de idade.

Havia nele uma aparente contradição, que é a seguinte: por um lado, o sentido de dever, que lhe dava um aspecto mais envelhecido do que a sua idade; por outro, e ao mesmo tempo, uma grande curiosidade perante a mudança.

Não era um folião. Ele próprio contava uma coisa que o tinha marcado muito. Ainda estudante, foi a uma festa de Carnaval. Durante a festa, de repente, há alguém que, vestido de arlequim, se mete com ele milhentas vezes. Qual não foi o horror, quando descobriu que era o seu mestre Martinho Nobre de Melo. Para ele, era impensável um professor de Direito andar mascarado a meter-se com os alunos nas festas de Carnaval.

Lembro-me, a propósito, de outra história contada pelos meus pais. Marcelo Caetano foi à inauguração do Hotel Aldoar, no Algarve, em 1966. Deitou-se muito cedo, depois de jantar. Mas com o barulho, não conseguiu dormir. Voltou então para o convívio, eram duas ou três da manhã. Olhando para os meus pais, confessou: «É a maior loucura que faço desde os meus 20 anos de idade.» Havia 40 anos que não fazia a «loucura» de estar acordado às 2 ou 3 da manhã.

Devido à sua noção de dever, era muito crítico do desperdício do talento. Por exemplo, lamentava muito o modo como Mário Figueiredo e Francisco Leite Pinto deitavam fora o seu talento. Mário Figueiredo era um grande mestre que nunca tinha publicado nada. Francisco Leite Pinto, segundo Marcelo Caetano costumava dizer, era um homem que passava a vida a destruir a sua própria reputação, devido ao modo como, de tão brilhante, às vezes ironizava consigo próprio. Para Marcelo Caetano, era um problema de princípio, quase de autoridade moral, cada um utilizar adequadamente o seu talento.

Era teimoso. Tinha um feitio complexo. Ouvi-o contar a história de quando discutiu com Salazar, como Ministro da Presidência, a actualização dos vencimentos do funcionalismo público. Marcelo

Caetano propôs um certo valor. Salazar achou exagerado, desnecessário: «Isso é imenso, eu sei o que a vida custa!» «Oh, Senhor Presidente, desculpe mas não é bem assim...» Salazar insistiu: «Eu pago a electricidade aqui da residência.» Marcelo Caetano, a quem esses pormenores nunca escapavam, chamou o Diogo Paiva Brandão, então secretário da Presidência do Conselho de Ministros: «Então fazem pagar a electricidade ao Senhor Presidente do Conselho de Ministros?» Resposta de Paiva Brandão: «Não, isso foi o Dr. Lumbrales, para fingir que ele pagava. Na verdade, debitamos-lhe apenas uma pequena parte.» Na audiência seguinte, Marcelo Caetano já pôde dizer a Salazar: «Oh, Senhor Presidente, olhe que só paga uma pequena parte daquilo que devia pagar...»

Era muito independente. E bastante rebarbativo quando entendia que devia ser assim. Não era pessoa de cultivar vida social, de que não gostava particularmente. Mas era gregário. A escola de Direito Público que fez na faculdade é um exemplo único de gregarismo. Cultivava os discípulos, andava com eles ao colo. Só não fez a tese por eles, mas quase. No restaurante A Choupana, era a mesma coisa. Cultivava um grupo, com o qual falava. Às vezes, era acusado de cultivar para além de certos limites. Mas não. Era moderadamente gregário em relação aos amigos, em relação aos seus discípulos, nomeadamente académicos. Mas era um grande expositor. Um grande, grande expositor. Apesar da rinite, de que se queixava, dizendo que só se sentia bem quando andava no avião, lá no alto, porque aí desentupia tudo e se sentia mais à vontade, era um grande expositor. Não imaginam o prazer que era ouvir-lhe dar aulas sobre as mais diversas matérias.

É necessária uma breve referência aos seus valores. Primeiro, Deus. É conhecida a influência de Monsenhor Pereira dos Reis. Na altura em que ele se formou, o catolicismo era essencialmente eclesial no sentido de padres, sacerdotal, de combate. Mas ele nunca foi muito clerical. Era conservador nos princípios e nos ritos. Lembro-me da sua adesão ao manifesto a favor da manutenção do canto gregoriano e do latim. Como é evidente, o Concílio Vaticano II já o apanhou numa idade em que lhe passou ao lado. Mas passaria sempre, pela formação que teve. Já vi discutir muitas vezes se ele teria ou

não acabado católico. Eu acho que sim. Zangado com a Igreja, zangado com muitas manifestações da Igreja, zangado com muitas ingratidões. Mas profundamente católico. Ele contou um dia que tinha sido sondado pelo Opus Dei, precisamente durante a primeira investida do Opus Dei em Portugal. Brillhantes figuras, nomeadamente de Coimbra, foram sensíveis a esses convites. Ele, não. Dizia que pelo seu feitio individualista não tinha paciência. Coisa que eu bem percebi, porque comigo se passou mais ou menos a mesma coisa.

Como emanação da sua crença em Deus, tinha a crença no Direito Natural. Num Direito Natural com princípios claros, mas depois plástico e realista na sua adequação à realidade. A seguir, o valor da pátria. Pátria imperial. Admirava os Ingleses pela forma como tinham vivido a sua vocação imperial. Mais tarde, foi a busca de caminhos que permitissem a saída do império, a tal ideia dos novos Brasis, Angola, Moçambique, Cabo Verde... os novos Brasis.

Finalmente, a família. A família ampla. Marcelo Caetano era, além de um pai exemplar, um irmão exemplar. Ainda me lembro, no Linhó, as vezes que eu lá encontrei aquelas irmãs, quando elas se queixavam de que «este povo português está insuportável, é sempre Fátima, Fado e Futebol. E vai-se aqui a qualquer sítio, nos transportes públicos, e lá está Fátima, Fado e Futebol».

Marcelo Caetano era um urbano, ao contrário de Salazar, que era um rural, que mal se adaptou ao fenómeno urbano. Era um urbano que tinha uma nostalgia fictícia do mundo rural. Mas que era fictícia, porque ele não era um rural, era tipicamente um urbano.

Outro valor fundamental: o trabalho. Se há pessoa que fosse pessoa de trabalho era ele. Gostava de trabalhar, trabalhava com afinco naquilo que entendia que era seu dever e que gostava. A começar naturalmente na universidade, com hábitos, com regras, com disciplina e com a ideia do serviço dos outros. Trabalhava por um dever, um ideal, ao serviço dos outros.

Acreditava no corporativismo, mas de associação. Acreditava também na liberdade económica. Isso é curioso porque pode ser relacionado com o seu percurso. Muita gente dentro do Regime dependia do Estado. Ele, não. Desde muito cedo teve a sua independência. Trabalhou nos seguros, apreciava a vida empresarial e percebia a

importância do mercado e da liberdade económica – o que nos anos 30 não era uma evidência. A actividade de profissional liberal, juntamente com o ensino, deu-lhe sempre uma grande independência em relação ao aparelho político. Tinha um lugar de recurso, que era o de professor, e o que resultava do reconhecimento da sua competência pela sociedade e pela vida empresarial.

Marcelo Caetano compreendeu a importância da integração europeia. Isso foi muito patente enquanto Ministro da Presidência e depois mais tarde como Presidente do Conselho de Ministros. E teve certamente que ver com a sua vivência internacional, que também o distinguia dentro do Regime. No tempo em que ele viveu, as grandes figuras do Regime não tinham vida internacional. Salazar tinha ido uma vez a Bruxelas, a Lovaina, a Madrid e à Madeira... Ponto final. Lumbrales não gostava de viajar. Albino dos Reis não gostava de viajar. Santos Costa não gostava de viajar. Mário Figueiredo não gostava de viajar. Soares da Fonseca não gostava de viajar. Até Antunes Varela não gostava de viajar. Marcelo Caetano, pelo contrário, viajava para todos os congressos internacionais: da Administração, de Direito Público, etc. Viajou muito para a América do Sul, por exemplo. Era uma excepção no Regime.

Tinha uma secreta simpatia pelos Ingleses. Não dominando excessivamente o inglês – e nisso a madrinha Teresa gozava de vez em quando com ele, em privado –, preferia o francês. Mas admirava Churchill. Eu lembro-me de estar com ele quando foi o funeral de Churchill. Era sensível àquela maneira de fazer política, admirava um povo que reconhece os méritos: «Isto, só os Ingleses, só os Ingleses. De facto, são um povo que reconhece.»

E aqui tenho de fazer um parêntesis, que é para falar da mulher de Marcelo Caetano, da «madrinha Teresa». Digo «madrinha Teresa» porque Marcelo Caetano e a mulher foram padrinhos de casamento dos meus pais e era assim que Teresa Caetano era conhecida lá em casa: a «madrinha Teresa». Foi essencial, a meu ver, à vida de Marcelo Caetano nos anos 30, 40 e 50. Até que a doença a começou progressivamente a prostrar. A impressão que me deixou – e eu era muito novinho naquela altura – é que era muito inteligente, muito inteligente e muito contida, ainda mais contida às vezes do que Marcelo Caetano.

Muito intuitiva, particularmente intuitiva. Austera mas alegre. Lembro-me das festas de Natal, particularmente alegre. À entrada, aquela pata de elefante gigante, onde estavam não sei quantas bengalas, na velha casa, ainda perto do Liceu Camões.

É por isso que a doença da mulher não é irrelevante quando se faz a análise do homem e porventura do político. A Ana Maria foi excepcional, porque desempenhou o papel de Primeira Dama, no sentido de quem acompanha o Presidente do Conselho de Ministros, mas, de facto, é um factor essencial. Se fosse hoje, provavelmente teria sido praticamente impossível, com a doença da mulher, aceitar as responsabilidades da chefia do Governo. Os tempos eram outros, e foi possível, com grande sacrifício, com grandes custos. Recordo a madrinha Teresa durante aquele período em que, ausentes o meu pai e a minha mãe em Moçambique, eu ia lá uma vez por semana jantar. Tinha sido o compromisso assumido por Marcelo Caetano para com os meus pais, ainda antes de ser Presidente do Conselho de Ministros, e achou que devia manter, com todos os incómodos do mundo. Depois, o jantar passou a incluir o meu irmão António, quando o António veio para a universidade. O que é facto é que me lembro dela, por exemplo, um dia, inesperadamente, *out of the blue*, ter dito: «Ai que saudades que eu tenho de ver o André Gonçalves Pereira de calções. Mas também gostava muito do Adriano: Ai o Adriano de calções, como eu gostava do Adriano.» Na altura, em 1969, não era uma conversa politicamente correcta, dadas as más relações entre Marcelo Caetano e Adriano Moreira. Mas Marcelo Caetano não dizia nada. Sobretudo no princípio dos anos 60, a «madrinha Teresa» tinha as suas evocações e recordações, em que era de uma grande doçura. Depois, a partir de 1969, piorou, até morrer.

Marcelo Caetano, o homem e os seus valores, teve evolução ao longo do tempo. Uma parte, eu acompanhei, outra parte contaram-me. Nos anos 30 e 40, depois dos arroubos da juventude, da Ordem Nova e daqueles radicalismos próprios da idade, o que é facto é que encontramos um homem muito mais extrovertido, comissário da Mocidade Portuguesa, Ministro das Colónias. É mais mexido, é mais heterodoxo como académico e mais irreverente, tentando conciliar a feição da autoridade do Regime com a perspectiva reformista – vê-se

isso na correspondência com Salazar. Com preocupações sociais, mas aberto à liberdade económica, e sempre procurando ideias de pluralismo.

Nos anos 50, Marcelo Caetano está na plenitude da sua capacidade. Menos energético, aparentemente, que nos anos 30 e 40. Mas mais maduro. É um período muito bom, interrompido em 1958 pela saída do Governo, por coincidência, quando a mulher adoece.

Nos anos 60, começam as desilusões. A experiência da reitoria começou muito bem e acabou muito mal. A somar-se à desilusão que tinha tido em 1958, fez dele uma pessoa mais reservada, fechado no seu grupo de amigos e um bocadinho mais céptico, mais distante. Ainda prefaciou um livro de Luís Filipe de Oliveira e Castro, quebrando um longo silêncio sobre a política africana e ultramarina do Governo, e em que termina com um cumprimento a Salazar, um cumprimento racional: *Que bom é haver, num momento muito difícil e complicado, alguém em quem se possa acreditar, com razão ou sem razão.*